

Funaro critica a política...

por Pedro Cafardo
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

Resolução nº 432; do controle de preços e tabelamento de juros; e do câmbio duplo.

Fundamental, porém, para o empresário, é impedir a continuidade de uma "política econômica cega" e recessiva. "É uma política de curto prazo, cujo horizonte é o balanço de pagamentos deste ano, mesmo à custa de maior endividamento para o futuro e de uma brutal desaceleração econômica cujos custos são incomensuráveis".

O País está à beira de uma "onda geral de insolências" e de desnacionalização maior da economia, advertiu Funaro. Ele citou a Argentina, cujo governo, "através de uma feroz

política de ajuste monetário ortodoxo, conseguiu arrasar o seu parque industrial sem resolver os problemas de seu balanço de pagamentos.

A mesma política ortodoxa, aplicada no Brasil, disse Funaro, está levando o País à maior crise de sua história, com a desaceleração econômica e a manutenção das altas taxas de juros.

Nessa área dos juros, disse Funaro a este jornal, "o governo comete uma enorme injustiça social" ao premiar durante três anos seguidos as aplicações de "capital sem risco" com rendimentos reais. Enquanto isso, "a produção industrial, considerado o nível de 1982, está 1,78% inferior à de 1979; o setor de bens de capital, o mais penalizado, está com um



Dilson Funaro

nível de produção 21% menor do que o de 1975 e com capacidade ociosa de 49%".

POLÍTICA SALARIAL

Embora não incluisse no texto que preparou antecipadamente, Funaro acrescentou em sua palestra severas críticas ao projeto do senador Jutahy Magalhães, que propõe a livre negociação de salários e está sendo incentivado pelo governo e bem visto pelos economistas do FMI. "Quem tiver alguma dignidade não pode pedir numa hora destas, de grave contração da atividade econômica, a livre negociação de salários. Seria um massacre à classe trabalhadora", afirmou, "porque não há equilíbrio de forças".

O expurgo do INPC, segundo Funaro, provocará uma injusta queda real dos salários, que diminuirá o consumo de bens e agravará a recessão.

A tentativa isolada de desindexação que está sendo feita, no entender de Funaro, "acaba provocando uma cadeia de problemas econômicos e até mesmo efeitos negativos no combate ao déficit" do setor público. Assim, o expurgo da correção monetária "afetaria gravemente o já debilitado sistema financeiro de habitação e não solucionaria o problema do déficit público, hoje praticamente todo indexado ao dólar".

POLÍTICA INDUSTRIAL

O investimento em desenvolvimento tecnológico, disse Funaro, deve obrigatoriamente ser acompanhado de uma política industrial que defina uma reserva de mercado a empresas nacionais e uma fronteira de novas inversões (ver também página 9).

Ele considerou "correta" a política de informática desenvolvida pela SEI, de reserva de mercado, até que consigamos a escala de produção necessária para obter competitividade. A política industrial idealizada pelo empresário deveria conter uma legislação seletiva "que discrimine e selecione a entrada de capital externo".

Nenhuma dessas mudanças propostas, porém, segundo Funaro, pode ser feita sem credibilidade. "E credibilidade não se consegue por decreto nem com decretos. O retorno da credibilidade da Nação na política econômica só se dará com a institucionalização do País", disse.

Funaro critica a política econômica

por Pedro Cafardo
de São Paulo

O empresário Dilson Domingos Funaro, diretor-presidente da Trol e ex-secretário do Planejamento e da Fazenda do Estado de São Paulo, fez violentas críticas à política econômica que vem sendo adotada no Brasil nos últimos anos, em palestra na Escola Superior de Guerra (ESG), segunda-feira, no Rio de Janeiro. Em poucas palavras, resumiu ontem a este jornal o empresário: "Eu disse que estão destruindo tudo o que se construiu em trinta anos de industrialização brasileira e sustentei que isso é inaceitável".

Ao terminar seu pronunciamento, em painel sobre a ciência e a tecnologia na indústria, do qual participaram formandos da ESG, civis e militares, Dilson Funaro foi demoradamente aplaudido, de pé. As palmas duraram cerca de três minutos e obrigaram o industrial a retornar à sala de conferência para agradecer à manifestação.

Dilson Funaro criticou duramente "a doutrina ortodoxa que está levando a crise a um nível insuportável e o País à desesperança". E sugeriu que a renegociação da dívida externa com os credores deve fazer parte de um projeto nacional para que os efeitos sociais sejam os menos perniciosos possíveis. A forma de negociação, em primeiro lugar, segundo Funaro, deve ser mudada para que se faça de acordo com os anseios da Nação, e não "de acordo com os designios de três ministros, até porque isso é extremamente incômodo para eles".

O pagamento da dívida externa, disse Funaro em sua palestra, deve ser vinculado a uma percentagem das exportações, os prazos devem ser dilatados e as taxas de juros, fixas. Na área interna, ele considerou fundamental a reforma fiscal e propôs a correção de "aberrações" da política econômica atual através da desvinculação da dívida pública da correção cambial; do congelamento dos recursos da

(Continua na página 3)